

Felizes para sempre.

Com Marlon Brando – vida e obra, o paulista Gustavo Piqueira detona clichês e critica a banalidade da sociedade contemporânea.

O livro Marlon Brando – vida e obra, uma “autobiografia em terceira pessoa” assinada pelo designer paulista Gustavo Piqueira, narra a breve trajetória pessoal e profissional do indefectível e prosaico cidadão Marlon Brando Dias Fuzetti. Natural de Alvinópolis, desprovido de toda e qualquer perspectiva, este simpático jeca, este risível personagem decide apostar todas suas modestas fichas na balbúrdia da cidade grande. Seus caminhos tortuosos o levam a se defrontrar com uma sucessão de equívocos e glórias questionáveis. Como todos os mortais, Marlon Brando vive, claudicante, sedento de fama. Ingênuo, ele intui que a felicidade pode não ter limites.

A capa sugere, o título parece óbvio, mas o danado esconde a verdadeira intenção de seu autor. Piqueira não escreveu a biografia de Brando, um dos ícones do mundo pop. A provocação começa logo de cara: Marlon Brando – vida e obra, traz estampado na capa a imagem do belo e não menos indefectível James Dean. A ironia dá o tom e permeia todo o resto. O texto do prefácio, por exemplo, que teria sido escrito pelo próprio personagem principal, brinca dizendo que tudo não passa de uma longa fraude. Sempre irônico e descarado, Marlon explica suas intenções literárias e termina reclamando da publicação do livro, que acaba tendo de ser custeada pelo próprio narrador-personagem.

Por trás de toda máscara de nobreza e felicidade existe uma face carcomida por intenções mesquinhas

Dono de um texto simples, enxuto, correto, desprovido de firulas e sem maiores pretensões, Gustavo acerta ao revelar e rir dos padrões comportamentais da sociedade moderna. A linha divisória que separa a plena felicidade do rotundo fracasso no mais das vezes é tênue como o fio da teia da mais ordinária aranha. Vale, sempre, a lógica do mercado. O processo de adaptação não é sutil e é inevitável. Não há resistência. Todos os personagens de Piqueira não buscam nenhum tipo de essência ou redenção, pois ela talvez não exista.

Cícero, Montaigne, Voltaire, Faulkner, Machado de Assis. Uma citação profunda abre cada capítulo do livro. Mas todos os personagens dessa história perambulam sem rumo pela superfície de tudo. O que pode haver de sensibilidade em cada um segue a cartilha de um protocolo rígido. Rir na hora de rir. Chorar, só diante de La gare Saintlazare, de Monet. A felicidade existe, anote aí: “Hobby ao ar livre, chocolate e três copos de álcool”; “a felicidade dos dias de hoje nada tem a ver com consciência. Nem com felicidade. Significa um banal ‘estar contente’. ‘De bem com a vida’, custe o que custar.” Piqueira lança um olhar perspicaz e interessante sobre a incrível banalidade do cotidiano, critica, zomba de si mesmo e de tudo, mas não oferece alternativas. Talvez elas não mais existam. Ele escreve no raso e nunca se arrisca.

Por trás de toda máscara de nobreza e felicidade existe uma face carcomida por intenções mesquinhas. Mas não deixa de ser engraçado este teatro

ridículo, esta irresistível tragicomédia mundana. É só botar reparo: é impossível fugir do patético. O personagem Marlon Brando ultrapassa os limites de qualquer parâmetro para atingir seus objetivos neste cenário onde tudo é extraordinário e surreal, onde tudo fere as regras da lógica ou as leis da razão. O pobre Marlon tanto faz que acaba encontrando o disfarce que lhe cabe. Entre mortos e feridos, salvam-se todos. O final feliz da história não repara tantos estragos e não redime nenhum tipo de pecado. (André Di Bernardi Batista Mendes)

Publicado no jornal O Estado de Minas em novembro de 2008.